

1

S Paulo, 26 de agosto de 1981

Caro Mario.

Ontem à noite estive presente ao debate sobre arte contemporânea brasileira na galeria S Paulo e saindo de lá me veio num primeiro impulso a vontade de ir até sua casa para conversar com você.

Por mais penoso que tenha sido esse encontro, porém vivo, não há dúvida para mim que existiu ali, sobretudo, a manifestação de uma revolta acumulada em muitos anos de frustração.

Alguns artistas talvez (já consagrados) e que foram apoiados no passado recente, sentem que hoje já são questionados, mesmo quando convidados para uma mostra como esta de galeria S Paulo.

Outros, mais jovens (desconhecidos)

② ali vieram procurar uma resposta para as muitas dúvidas proprias do momento que atravessamos e talvez tenham se sentido logrados no medido em que a mesa não podia assim de repente satisfazer o seu desejo de saber, mas sobretudo pelo fato de as obras ali apresentadas não terem conseguido emocioná-los.

Você por um lado se esquivou e com razão, de fazer uma análise dessas obras se restringindo apenas a constatar que nada de novo havia sido apresentado.

Quanto ao apuro técnico ao qual você se referiu eu vejo como um dado negativo e também bastante significativo.

— Negativo no medido em que esse "acabado" das obras reflete um vazio de conteúdo, no que diz respeito à inquietação do artista, seu desejo de ir um pouco mais além e se

③ se renovar dentro de seu próprio trabalho.

— Significativo porque se afirma que a exposição nos mostra e realmente o produto de uma nova sensibilidade cultural, submetido via Biênal de São Paulo, ela nos permite refletir sobre uma possível reavaliação que será sem dúvida feita logo em frente se quisermos nos apegar num verdadeiro trabalho cultural.

E se por um lado a ausência de grandes movimentos internacionais (como você diz) e os nacionais, nos deixam e orfãos de mãe e pai) insisto ainda para que todo o que ocorreu nesses 30 anos seja reavaliado (do ponto de quem doer) dentro de uma ótica nossa, retomando todo o nosso passado, mais longínquo e o mais recente, até a década de 40.

— A relação arte popular e erudita (arte plúmbea e outras)

(4) se justifique plenamente no
medida em que uma divisão
entre ambos por um lado e a
intelectualização excessiva por
outro, dissociou o fazer da
reflexão, que é o verdadeiro
sentido de poesia.

- Na literatura, no teatro e
na música se percebeu há muito
mais tempo que o popular e o
erudito formam o conjunto de
manifestações de uma realidade
cultural.

- Enfim vamos desejar que nos
próximos debates esses pontos essen-
ciais sejam retomados, numa
"conversa" sempre cordial,
pelo menos mais objetiva e
construtiva.

Um abraço do amigo Carelli.